

O PROCESSO EDUCATIVO DO MOVIMENTO SOCIAL ENCRESPA GERAL

Ellis Cristine Oliveira Alves¹

Auxiliadora Maria Martins da Silva²

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que tem como objetivo fomentar a discussão acerca do processo educativo efetivado no movimento social Encrespa Geral que tem buscado educar a sociedade nacional e internacional na assunção do cabelo natural como símbolo de identidade negra. Buscamos com esse estudo responder às questões: Como se dá o processo educativo empreendido pelo movimento social Encrespa Geral no sentido de colaborar na construção desta identidade por meio do conhecimento, reconhecimento e aceitação do cabelo crespo/cacheado como símbolo identitário, numa sociedade cujo padrão ideal de beleza hegemônico é o cabelo liso e loiro. Utilizando o movimento social “Encrespa geral” como campo empírico, esta pesquisa investigou o processo educativo deste movimento social assim como descreveu e analisou a eficiência das ações educativas ali organizadas. Identificamos como o “Encrespa Geral” influencia na construção da identidade negra de seus participantes através da informação em nível pedagógico dos encontros bem como a socialização que acontece. Para obter as informações necessárias, este estudo se desenvolveu através da análise de dados de pesquisa qualitativa. Verificamos o processo educativo a partir da perspectiva dos envolvidos e fizemos entrevistas autobiográficas para que pudessem revelar suas inquietações.

Palavras-chave: Processo Educativo, Movimento Social, Identidade negra, Cabelo, Encrespa Geral.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

² Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco.

ABSTRACT

This article presents the results of research that aims to foster discussion about the educational process effected in the Encrespa Geral social movement that has sought to educate national and international society's assumption of natural hair as a symbol of black identity. We seek with this study answer the questions: How is the educational process undertaken by Encrespa Geral social movement in order to collaborate in the construction of this identity through knowledge, recognition and acceptance of frizzy / curly hair as identity symbol in a society whose ideal standard hegemonic beauty is smooth and blond hair. Using the social movement "Encrespa Geral" as empirical field, this research investigated the educational process of this social movement as described and analyzed the efficiency of educational activities organized there. We have identified as "Encrespa Geral" influences on the construction of black identity of its participants through information on educational level of meetings and socializing that happens. To obtain the necessary information, this study was developed through qualitative research data analysis. We have checked the educational process from the perspective of those involved and we have done autobiographical interviews so they could reveal their concerns.

Keywords: Educational Process, Social Movement, Black Identity, Hair, Encrespa Geral

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por questão norteadora, como se dá o processo educativo dentro do movimento social Encrespa Geral?

De forma a atender de maneira significativa a inquietação proposta pela pesquisa foi preciso se debruçar em estudos que abordam a temática dos movimentos sociais, dos processos educativos na educação não-formal e da estética em seu sentido mais específico, voltando-se para uma ancestralidade africana e afrodescendente visível e questionada através do cabelo crespo/cacheado.

A população negra possui uma trajetória de exclusão no campo educativo. Esta situação se alastra para outras esferas da sociedade e segue tomando evidência nas questões relacionadas à estética.

Reflexões sobre invisibilidade nos mais variados espaços sociais e as dificuldades das mulheres negras para assumir seu cabelo crespo/cacheado mediante a dúvida de uma boa aceitação de maneira geral foram fundamentais para causar a inquietação inicial da pesquisa.

Gadotti (2002, p.3) fala sobre informalidade da educação quando diz que as novas tecnologias da informação vem criando novos espaços do conhecimento. “Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornam-se educativos.”

Esta afirmação é relevante para a pesquisa, pois o nosso objeto de estudo é um movimento social recente que trabalha com a questão da estética negra e da construção da identidade através da aceitação do cabelo crespo/cacheado se utilizando de uma educação não formal que se mostra difusa e menos hierárquica além de mais burocrática.

Ainda sobre a questão da informalidade na educação, podemos constatar que o Movimento Encrespa Geral tem uma intenção clara, no sentido de através de sua proposta de trabalho agrupar pessoas com esse mesmo propósito e um cenário diferenciado uma vez que os processos educacionais que são praticados é longe do espaço da sala de aula, ocorrendo, portanto através da educação não-formal, sendo necessário compreender a importância do processo educativo em si mas também o que faz dele relevante.

Gomes (2008) quando fala sobre a construção da identidade negra através do corpo e cabelo faz uma observação interessante “Nenhuma identidade é construída no isolamento.” Em um país onde há um padrão de beleza imposto, a intervenção no cabelo

e no corpo para o negro não é mais uma questão apenas de vaidade.

Neste sentido, o cabelo tem uma representatividade ampla e visível que evidencia o pertencimento étnico-racial imprimindo a marca do “ser negro” no corpo e se mostra um elemento substancialmente importante no processo de construção identitária.

E entendendo melhor a relação do cabelo com as questões dos movimentos sociais que trabalham na base do empoderamento³, Gilberto Velho (1987) mostra a importância de projetos sociais que viabilizam o pensamento político quando o mesmo se propõe a dar sentido e emoção aos sentimentos individuais.

A partir de observações cotidianas de mulheres crespas/cacheadas no auge de sua transição capilar, surge comumente à curiosidade sobre o processo educativo que o movimento social Encrespa Geral desenvolve na tentativa de dar base para uma tomada de conscientização dos participantes sobre as questões relacionadas à educação das relações étnico raciais.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Discutir o processo educativo do movimento social Encrespa Geral.

Objetivos específicos

- Descrever como se dá o processo educativo do movimento social Encrespa Geral;
- Analisar a luz do depoimento dos seus integrantes, o sucesso/fracasso das ações educativas organizadas pelo Encrespa Geral;
- Identificar como o “Encrespa Geral” influencia na construção da identidade negra de seus integrantes.

³ Tem-se por empoderamento no sentido de promoção de uma melhoria de vida através de uma maior autonomia dos sujeitos, aos quais se destinam a ação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Sobre identidade

Ao ler escritos referentes à identidade foi possível perceber as complexidades que permeiam o tema e o quanto ele pode ser controverso. Nilma Lino Gomes cita Philip Gleason (1980) quando ele coloca que ainda que com todo empenho e enumeras produções existentes é difícil construir uma resposta satisfatória para o que é identidade.

Para compreender o termo é preciso mesmo levar em consideração as complexidades que permeiam o assunto e ter atenção na hora de aplicá-lo com melhor consistência.

De acordo com a antropóloga Silvia Novaes (1993), identidade se refere a uma igualdade de características que pode ser identificado nos grupos sociais que vão sendo construídos, esta mesma realidade leva o indivíduo a ter condições de reclamar seu espaço social e político em situações de confronto.

A identidade está ligada diretamente ao modo do indivíduo de se portar no mundo, na construção das relações, em suas referências culturais e pessoais, na maneira como seu corpo e suas atitudes expressam seus princípios e quais as referências que marcam sua condição humana.

A importância da construção e aceitação da identidade esta ligada muito expressivamente ao grupo em especial que a pessoa vem a se identificar e quais as necessidades e lutas que mapeiam a história social, econômica e política dele. Este processo é evidenciado quando nos referimos a grupos de negros e/ou mulheres por exemplo.

Nilma Lino Gomes afirma que “a ênfase na identidade resulta, também na ênfase da diferença.” (2012, p.41) Os grupos sociais que tendem a ser segregado, socialmente marginalizado, considerado inferior e com tendência a invisibilidade se identificam e a partir daí eles entram em um processo de organização para minimização das diferenças internas no próprio grupo.

Neste sentido, o presente trabalho envolve mexer com as semelhanças e disparidades, envolvendo diretamente a cultura fazendo assim o resgate da autonomia e empoderamento.

O cientista social Jacques D' Adesky (2001, p.76) destaca que nenhuma identidade é construída no isolamento, a mesma vai se formando durante a vida através

dos diálogos, das experiências pessoais, individuais e em grupo.

3.2 Sobre identidade negra

A reflexão sobre identidade negra tem que ser encarada como um todo amplo e complexo, pois o mesmo possui dimensões pessoais e sociais que não podem se separar. Igual a qualquer outro processo de construção de identidade, a identidade negra também se constrói progressivamente, uma vez que, trata-se de uma movimentação que “envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos”.

Estabelecendo uma influência direta nas relações e nos grupos sociais que o indivíduo participa, geralmente o processo de construção identitária se inicia na família e no decorrer da vida vai se desdobrando em outras relações sociais estabelecidas.

É importante quando se fala de identidade negra no Brasil compreender não só suas dimensões subjetivas e simbólicas, mas principalmente seu sentido político que se refere a questões de exclusão de participação social do negro como decorrência de uma dívida histórica criada por uma sociedade escravocrata, racista e xenofóbica.

Segundo Kabengele Munanga (1994) é importante o entendimento do que é raça⁴, este entendimento pode ajudar a compreender e identificar as facetas do racismo no nosso país. Ele nos traz uma interessante análise sobre os discursos “antirracismo” expressados tanto pelos pensadores chamados de direita quanto pelos de esquerda.

Pois, enquanto os pensadores da chamada direita acusam as populações negras/os de se colocarem enquanto vítimas, criando falsos problemas ao falar de identidade numa sociedade majoritária e culturalmente mestiça, os de esquerda os acusam de fazer uma divisão na luta de todos os oprimidos de maneira geral, eles afirmam que numa sociedade capitalista a identidade deve ser a mesma para todo e qualquer oprimido. No entanto, em Cuba que é comunista por exemplo, os/as negros e negras pós-revolução, continuaram de fora do poder e dos altos cargos, permanecendo na pobreza.

Mesmo com todas as disparidades que permeiam os pensadores de direita e de esquerda, neste discurso é possível identificar alguma semelhança no sentido de que os

⁴ Sabemos que após o seqüenciamento do DNA mitocondrial, o conceito de raça tem sido ressignificado, e se vem defendendo no campo científico que só existe uma raça, a raça humana, contudo, do ponto de vista da permanência das desigualdades raciais perpetradas pelo Estado e sociedade brasileira contra o grupo negro de sua população, o conceito de raça ainda encontra-se arraigado no imaginário social e operando no sentido da perpetuação da exclusão dos negros dos espaços de mando e de poder.

dois colocam a questão da construção da identidade negra como ineficiente e desnecessária, tirando do segmento étnico-racial a importância histórica da luta contra o racismo eminente na nossa sociedade.

No Brasil o racismo se apresenta de uma forma muito singular, se afirmando através da negação tanto dos que sofrem quanto dos que praticam aí se faz ainda mais importante o processo de construção da identidade negra como instrumento emancipatório e libertador.

3.3 Sobre o caráter educativo dos movimentos sociais

A melhor maneira para compreender de que forma os movimentos sociais são constituídos, é através das personalidades individuais de quem está inserido e conceber seu caráter educativo, neste sentido, entender as dimensões subjetivas, necessariamente nos leva a passar por processos educativos.

É possível encontrar algumas considerações a respeito do caráter educativo dos movimentos sociais. Delari Jr. (2000) compreende a educação em um ato educativo com sentido antropológico geral, o autor faz menção a um conceito de educação assumido no interior desta abordagem:

Por educação não estamos entendendo apenas a escolarização [...]. Pode-se conceber a educação como algo propriamente humano, porque só os seres humanos se educam, só os seres humanos constituem sua própria existência a partir de processos de significação pelos quais passam a ser inseridos num determinado universo histórico e cultural. Então, pela linguagem vamos aprendendo a ser o que somos na relação com os grupos culturais nos quais somos inscritos desde que nascemos. Ora a educação ganha um caráter antropológico mais amplo, pois é tratada essencialmente como relação social mediada pela linguagem, relação pela qual cada um, mediante o confronto com um outro, pode recriar em si aquilo que toda a sua sociedade criou ao longo da história de suas lutas, alianças, derrotas e conquistas. (DELARI JR., 2000, p. 72).

Esta visão aproxima para uma concepção ampliada de educação na construção da constituição social. É possível compreender então que o que realmente educa nos movimentos sociais são suas práticas culturais sendo planejadas ou não.

Sobre esta questão, Gohn (1992 e 1999) também trata da educação nos movimentos sociais de maneira ampla e faz uma importante contextualização entre educação formal e não-formal, além de diferenciar o que endossa o campo do “processo pedagógico” e o que é de responsabilidade da educação.

Falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico. (GOHN, 1992, p. 17).

Uma vez que a educação não está apenas vinculada a um caráter pedagógico, é possível e preciso visualizar as dimensões educativas as ações que se constroem para além das práticas formais próprias das escolas, fazendo ser possível pensar no sentido mais educativo dos movimentos sociais. No sentido de, a partir das práticas educativas haver uma libertação dos sujeitos, envolvidos na ação seja de forma direta ou de forma indireta (FREIRE, 1987).

No caso do Encrespa Geral, a organização tem uma preocupação com o aspecto educativo e com o aprimoramento das bases históricas e sociais para ajudar na construção da identidade dos participantes através da valorização do cabelo natural como forma de auto-conhecimento, respeitando e celebrando a diversidade racial no Brasil.

Fazendo uma observação sobre a dimensão social e construção da cidadania através dos estudos de Gohn (1992 e 1999) foi possível ainda compreender melhor as questões da subjetividade e perceber que os movimentos sociais educam e também são educativos uma vez que o processo em questão não é construído através da exigência ou com módulos pré-estabelecidos aplicados mecanicamente, pois:

O exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiência, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro. Experiências vivenciadas no passado, como opressão, negação de direitos etc., são resgatadas no imaginário coletivo do grupo de forma a fornecer elementos para a leitura do presente. (GOHN, 1992, p18).

3.4 Sobre o Encrespa Geral

O Encrespa Geral é um movimento social que surgiu a partir da inquietação de um grupo que se materializou no facebook por meio de comunidades e páginas públicas com o título de “amigas cacheadas”. Inicialmente se preocupavam com a divulgação de inspirações e melhores formas de cuidar do cabelo crespo/cacheado sem qualquer utilização de química nas redes sociais.

Com o enriquecimento e maturidade do trabalho surgiu à necessidade de levar a

ideia para além das telas do computador e fazer o projeto se estender as ruas. Assim nasceu o projeto “amigas cacheadas na estrada”, que no início realizava encontros em São Paulo e no Rio de Janeiro apenas, por não ter mais recursos para viabilizar os trabalhos em outras cidades.

Em novembro de 2013 surgiu a ideia de expandir o projeto convidando líderes de grupos para cuidados capilares do facebook, blogueiras, ativistas sociais que pudessem coordenar os encontros em outras cidades do resto do Brasil seguindo a mesma programação de atividades.

Para tanto, outras pessoas foram agregadas ao projeto após o início da divulgação dos encontros fazendo um total de 15 cidades participantes. Nasceu assim o Encrespa geral em sua primeira edição.

Em março de 2014, na segunda edição do movimento foram incluídas as palestras de conscientização para promover inspiração e valorização do uso do cabelo natural (crespo, cacheado, ondulado) como forma de autoconhecimento e reencontro das raízes sem qualquer relação com idade, cor de pele, etnia ou tipo de textura capilar.

Além das palestras de conscientização há também exposição de trabalhos artesanais dos participantes. Também foi criado um comitê para discussão das pautas do trabalho fazendo com que o projeto assumisse o perfil de ação social com objetivos maiores além da criação de laços de amizade e dicas de cuidados estéticos.

Progressivamente, além de inspiração o movimento assumiu um papel de formador, trabalhando em cima da questão da auto-estima, debatendo sobre questões raciais, o preconceito e as dificuldades que envolvem o uso do cabelo natural.

Segundo a representante geral do movimento, Eliane Serafim:

A transformação causada pela jornada de descoberta do cabelo natural leva também a refletir sobre a invisibilidade do negro em espaços da sociedade. Essa reflexão leva inevitavelmente ao debate sobre a consciência negra, a discussão sobre o racismo velado e institucional e contribuir na luta de combate ao racismo e pela igualdade racial. (SERAFIM, 2013)

O Encrespa geral tem como slogan **“Encrespa Geral: Não é só por cabelo”** considerando o ato estético também como político e alegando que a sua imagem estética representa o que você defende.

O movimento social Encrespa Geral tem como objetivos principais:

“Empoderar crespas/os, cacheadas/os e onduladas/os para assumir suas raízes em qualquer esfera social;
Refletir sobre o fato de assumir o cabelo natural como um ato político;

Refletir sobre o direito de usar o cabelo natural independente de tipo de textura, cor, sexo ou idade; Valorizar a diversidade racial; Valorização da auto-estima, compartilhamento de experiências sobre o tema; Refletir sobre a questão do uso do cabelo como resgate de identidade; Refletir sobre como enfrentar a discriminação de forma positiva; Refletir sobre a questão de cuidados capilares x saúde; “Promover espaços para exposição de trabalhos afro-empresendedores sempre que possível.”
(Movimento Encrespa Geral, 2013)

Dentre os objetivos, os organizadores afirmam que não tem nenhuma intenção de impor qualquer tipo de estilo, mas sim fornecer inspiração e informações para os interessados para que cientes possam fazer suas escolhas.

4. METODOLOGIA

Para melhor atendimento de nossas indagações e atingir o principal objetivo dessa pesquisa que se norteia sobre como se dá o processo educativo do movimento social Encrespa Geral, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo com abordagem autobiográfica.

Considerada por JOSSO (1999) como uma “guinada epistemológica”, a pesquisa qualitativa com abordagem autobiográfica é interpretada como uma forma de pesquisa que parte do princípio do desligamento de “análises fundamentadas nos grandes números para análises baseadas na singularidade de uma vida ou da vida de um grupo” (JOSSO, 1999).

Ainda sobre esta questão, Segundo Richardson (1999) a pesquisa qualitativa é adequada quando tem necessidade de “descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais” (RICHARDSON, 1999, p.80)

Ainda sobre pesquisa qualitativa, de acordo com Ludke e André (1990), podemos defini-la “como a descrição e a explicação dos fatos observados, no qual o pesquisador observa e interpreta os dados com base em sua percepção de mundo”. Faz-se necessário ter atenção a qualquer detalhe que possa manifestar significativamente detalhes do fenômeno em questão.

Tivemos como instrumentos metodológicos, para o desenvolvimento da pesquisa a consulta de registros escritos, fotográficos, midiáticos dos encontros organizados pelo Encrespa Geral PE.

Estiveram comprometidos neste estudo como sujeitos: participantes do

movimento social Encrespa Geral em um total de oito entrevistados. A escolha dos sujeitos se deu com base nos objetivos propostos neste estudo de compreender o processo educativo do movimento Encrespa Geral levando em consideração o olhar dos envolvidos.

O processo de coleta de dados foi feito através da mediação de escritas autobiográficas dos participantes se utilizando de entrevista para que pudessem revelar suas experiências no Encrespa Geral com o objetivo de que respondam questões primordiais como: Conte sua história de vida na perspectiva do que te levou a assumir seu cabelo crespo/cacheado numa sociedade que coloca como padrão hegemônico de beleza o loiro e o liso? Qual o papel desenvolvido pelo Encrespa Geral nessa sua tomada de decisão? O que o Encrespa Geral te ensinou?

Na organização e análise de dados adotamos a análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin (1997). Na técnica de análise temática Bardin afirma que “a análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens”. O nosso objetivo será fazer uma análise através das falas dos participantes do Encrespa Geral.

Ainda sobre análise de conteúdo, Gil (2009) afirma que:

Embora a análise de conteúdo seja essencialmente uma técnica para estudar a comunicação humana de maneira sistemática e objetiva, pode servir também a outros propósitos, tais como: (1) auxiliar na identificação das intenções e características dos comunicadores; (2) identificar o status de pessoas ou de grupos; (3) revelar atitudes, interesses, crenças e valores dos grupos; (4) identificar o foco de atenção das pessoas e grupos; e (5) descrever as atitudes e respostas aos meios de comunicação.

Assim podemos observar o valor da análise de conteúdo para a pesquisa nos vários espaços.

Nas questões relacionadas à autobiografia como estratégia teórico metodológica Silva pondera que:

O trabalho com autobiografia surge para nós como chave para compreender os tempos, os lugares, os pertencimentos, os saberes científicos e experiências, os sentimentos, as intencionalidades das pessoas e instituições implicadas nas mudanças ocorridas em sociedade (...)” (Silva, 2011)

De maneira subjetiva a autobiografia se encaixa perfeitamente na metodologia

desta pesquisa pois através dela é possível compreender melhor questões pessoais que envolvem os indivíduos. A história individual e de vida faz toda a diferença na hora de categorizar e analisar os dados à luz da literatura já mencionada e também para responder as inquietações da pesquisa.

5. OS PERFIS

5.1 Perfil das entrevistadas

Neste ponto será traçado um breve perfil das entrevistadas. É válido ressaltar que os nomes foram substituídos por nomes fictícios na intenção de preservação da identidade das mulheres uma vez que entendemos que esse modelo de pesquisa adentra em sua subjetividade.

Nome	Sexo	Estado civil	Escolaridade	Cor da pele	Profissão	Religião
Tranças	Feminino	Solteira	Ensino médio e técnico completo	Negra	Técnica de enfermagem	Candomblé
Cacheada	Feminino	Casada	Ensino superior completo	Parda	Fonoaudióloga	Católica
Crespa	Feminino	Casada	Ensino médio completo	Negra	Atendente de Call Center	Não tem
Ondulada	Feminino	Casada	Ensino médio completo	Negra	Dona de casa	Não tem
Bandana	Feminino	Solteira	Ensino superior – Cursando	Negra	Estudante	Cristã
Dread	Feminino	Solteira	Ensino superior e especialização	Parda	Professora	Católica
Pitó	Feminino	Solteira	Ensino superior – cursando	Negra	Estagiária de Direito	Cristã
Turbante	Feminino	Casada	Ensino médio completo	Negra	Consultora de vendas	Cristã/ protestante

5.2 Perfil pedagógico do Movimento Social

Atua por meio de encontros que começaram em São Paulo e no Rio de Janeiro e hoje se estendem por mais de 15 cidades no Brasil e no mundo. São elas: Juiz de Fora, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Manaus, Maceió, Recife, Salvador, Feira de Santana, Vozosa, Fortaleza, Joinville, Brasília, Espírito Santo, Campo Grande, São Paulo, Londres, Islândia e Flórida.

Os objetivos foram de laços de amizade e cuidados estéticos para também inspiração e conscientização social e étnico-racial para o uso do cabelo natural, valorização da auto-estima bem como debates sobre questões relacionadas ao racismo e as dificuldades diárias que envolvem o uso do cabelo crespo/cacheado.

Os encontros são compostos por algumas ações de cunho educativo como palestras com um tema definido pelo comitê do projeto a cada rodada. Todos os encontros de âmbito nacional e internacional trabalham a mesma temática.

Acontece a partilha de depoimentos com relatos da sua história na perspectiva do uso do cabelo sem química. Oficinas geralmente de turbantes, traças, flores ou qualquer outro tipo de atividade similar.

Há também a exposição de trabalhos afroempreendedores para participantes que queiram divulgar e comercializar seu trabalho.

6. ANÁLISE DE DADOS

6.1 O sofrimento que é ter o cabelo alisado – “um cabelo falso”

Tratar da manutenção de um cabelo alisado, é tratar de todo um passado e um presente de exclusão e segregação por questões étnicas e raciais, os quais implicam que aceitemos inconscientemente e conscientemente - uma vez que o racismo em nosso país é algo que interfere diretamente no processo de aceitação das meninas e na aceitação do outro - um modelo de padronização estética, já abordado anteriormente.

Turbante fala que desde pequena foi inserida nesse padrão de beleza, o que acarretou em um desconhecimento acerca de seu cabelo.

Eu nem sabia como era meu cabelo. Eu não tinha a menor idéia. Eu achava que ele era até mais difícil, mais crespo do que ele realmente é. Mas aí desde pequeninha, minha mãe minhas irmãs, aí eu aprendi assim e achava que quanto mais liso melhor. Quando tava um pouquinho a raiz querendo ficar alta eu já tinha que ir, que eu achava

que ele não tinha jeito, que era muito seco, muito isso muito aquilo. (Turbante, 2016).

Esse desconhecimento de seu cabelo, vai se repetir no discurso de Tranças (2016) “eu não conhecia a textura do meu cabelo, a fibra dele”.Mostrando um desconhecimento sobre si, essa manutenção de uma cabelo alisado, como meio para se enquadrar em um determinado grupo, vai interferir diretamente na aceitação de pessoal.

Eu alisava o cabelo desde criança, por que na escola as coleguinhas riam muito de mim assim né? E ficava falando que meu cabelo ---- botando apelidinho, até as que tinham o cabelo cacheado e crespo também, e quando eu ia com ele alisado, na chapinha, tudo, ficavam elogiando dizendo que tava mais bonito assim, que tava lindo. Então eu não me aceitava. (Dread, 2016)

Algumas entrevistadas inclusive relataram que em algum momento da vida, enquanto fazia processos químicos para alisar o cabelo também sofreram com queda dos fios ou doenças relacionadas à pele.

Foi o caso de Ondulada que relata as doenças que o uso contínuo de produtos químicos causou a longo prazo:

(...) o meu cabelo sempre foi fino, fraco e cada vez eu dava a química, o cabelo, ele partia, aí eu nunca tive cabelo grande, meu cabelo nunca passou, assim, do .. queixo, do queixo ele nunca passou, toda vida foi sempre curto e ralinho e não tinha força pra crescer por que quando ele pensava em crescer ele partia. Já tive até alopecia também por conta de muita química, (...) aí eu vi que eu tinha como ter o cabelo, o cabelo que eu sempre quis meu cabelo natural e tratado aí foi quando eu comecei a fazer os tratamentos e decidi passar pela transição. (Ondulada, 2016)

Pitó também fala sobre os problemas que teve para tentar manter o cabelo liso:

“(...) aí eu passei dos nove aos vinte e um anos alisando o cabelo, só que aí aos vinte e um eu tive um processo alérgico muito sério viu? Dos produtos químicos que eu usei a vida toda e meu cabelo começou a cair e formava bolhas de pus no meu coro cabeludo por causa do amoníaco e da guanidina, aí eu tive que parar de dar química no meu cabelo.” (Pitó, 2016)

A saúde das entrevistadas foi comprometida em vários casos, hoje, no entanto, após participar do processo educativo do Encrespa Geral, além dos vários conhecimentos construídos acerca das relações raciais baseadas em desigualdades históricas, silenciamento, exclusão do grupo negro da população na sociedade brasileira, as entrevistadas apreenderam também, formas de cuidar da saúde do corpo e do cabelo negro, fazendo uso de adereços, flores, turbantes, produtos naturais, livres de químicas.

Essa preocupação com a saúde é constante, uma vez que, afirmam nada usar sem antes, buscar ler e compreender as fórmulas dos produtos a ser aplicado no corpo e no cabelo de modo a garantir não mais passar por processos de aquisição de doenças, queimaduras, quedas e participação dos cabelos, o que ocorria com os processos de alisamento.

6.2 O Encrespa Geral e a sua pedagogia do Empoderamento.

O Encrespa Geral, na medida em que foi crescendo foi também criando um caráter educativo e passou a discutir questões raciais, sociais e identitárias.

Começou a entender o cabelo como símbolo de resistência negra e também como ferramenta eficaz para ajudar na construção da identidade das mulheres.

O Encrespa ele é de cunho social, quando falo de cunho social é por que nos demais encontros, a gente se trata de reunir mulheres homens crianças na intenção de que? De compartilhar experiências, compartilhar dicas, trocar produtos,, vender produtos, comer, conversar, socializar, fazer novas amizades etc. O Encrespa vai além disso, é de cunho social por que ele trata de ensinar a mulheres, a crianças, a senhoras, o valor.. Ele trata de disseminar uma ideologia, aquela ideologia da mulher negra do empoderamento feminino, do empoderamento negro, ensina a lidar com preconceitos. Já vi no Encrespa mulheres, mães tirando dúvidas de como deveriam agir para ensinar as filhas a gostarem do cabelo crespo.. Enfim, tem um cunho mais social do que de repassar cuidados, socializar, comer e tal. O Encrespa é dotado de uma, ééé, como é que eu posso dizer, definir, de uma simplicidade, digamos até assim, de ensinar como uma mulher deve se portar, o por que que ela deve assumir sua identidade, por que ela deve respeitar a cultura, por que ela não deve se sentir inferior, então o Encrespa, ele consegue atingir uma gama muito ampla de áreas na sua vida, ele consegue ensinar você como se comportar em diversas situações, como cuidar do seu cabelo, como cuidar do cabelo da tua filha, acontecem sorteios. Enfim, o Encrespa é um encontro completo, por que além de sustentar a idéia, além de fomentar a idéia da mulher negra, da liberdade, da liberdade da química capilar ele ainda ensina como se comportar socialmente digamos assim.

(Bandana, 2016)

Na fala de Bandana foi possível perceber a maneira como o Encrespa Geral se apresenta para os participantes de forma inovadora. Se propõe não apenas a ajudar nos cuidados estéticos mas também evidencia a importância da conscientização e inspiração para o uso do cabelo natural valorizando debates sobre questões de preconceito e as dificuldades que envolvem o uso do cabelo natural cotidianamente.

O Encrespa ele ensina a nós mulheres, nos empoderar né? Nos comportar, saber o nosso lugar, ter o nosso lugar na sociedade. Onde a

gente... Aí.. pera aí...(...) A nos aceitar como somos, a nos amar, achar nosso cabelo bonito, entendeu? A nos ver como somos, que somos bonitas independente dos padrões que a sociedade impõe . Sei lá, muita coisa.. Eu acho o projeto muito legal, agora é que eu sou meia atrapalhada pra falar as coisas vi (...)"
(Ondulada, 2016)

Ondulada mostra em sua fala as diferentes vertentes que são acometidas pelo movimento e como ele vem servindo de paradigma para sua mudança, não apenas estética, mas também identitária. Reconsidera as bases históricas reais do que vem a ser beleza e reconfigura um padrão inconsciente ou conscientemente imposto.

Falamos anteriormente que o que educa nos movimentos sociais são suas práticas culturais. Delari Jr. (2000) considera isto quando diz que a educação pode ser “tratada essencialmente como relação social mediada pela linguagem”, linguagem que está plenamente inserida, no falar, agir, vestir, etc.

Um fenômeno interessante e pelo qual muitas passaram foi o *Big Chop*.⁵

Faz 3 anos que eu fiz o BC, cortei total curtinho pra tirar tudo. Aí pronto, até agora ele ta... Ele ta no cabelo, no tamanho que ele era antes, abaixo do ombro, mas não se percebe por que é encolhido.
(Turbante, 2016)

(...) mesmo com o medo assim de ficar com aquela cara redonda e tal. Ai eu fui e cortei bem curtinho mesmo. Tirei todo cabelo que estava com química e deixei só os cachinhos que estavam crescendo.
(Crespa, 2016)

É uma tomada de decisão muito simbólica, a retirada da química por completo e o reconhecimento imediato de uma nova mulher. Mesmo com medo dos julgamentos, dos olhares, da família, dos amigos, da sociedade.

Esse processo de mudanças é considerado pelas entrevistadas como irreversível, pois, essa *nova mulher* , com seu *cabelo não falso mas verdadeiro*, se reconhece como bela, livre da hegemonia do cabelo liso e loiro, se amando, se empoderando, conforme depoimentos.

⁵ O *Big Chop* também conhecido como “BC” é uma expressão que significa "grande corte" em inglês. É o ato de tirar toda a parte com química do cabelo, esteja ela De qualquer tamanho. Ele pode ser feito por aquelas mulheres que querem ver logo seus cachinhos naturais ou por aquelas que não aguentam lidar com as diferentes texturas da transição capilar, quando a nova raiz enrolada costuma brigar com as antigas pontas alisadas.

6.3 “Não é só por cabelo” – o cabelo como símbolo identitário

A partir das falas, algo que ficou evidenciado é o fato do cabelo das mulheres entrevistadas ter sido o primeiro passo para aceitação de sua identidade negra, ao contrário do que ocorre nos demais Movimentos Sociais em que o aspecto externo (o cabelo) vem a ser a última característica a ser alterada. Na fala de Turbante isso pode ser observado de forma mais clara “Na realidade eu acho que eu nem terminei de me aceitar ainda, nem me acostumei ainda, tô no processo, mas pra química eu não quero voltar mais” (Turbante, 2016).

Nesse sentido a entrada para o Movimento Social Encrespa Geral às auxilia nesse processo de tomada de consciência, no sentido de não apenas alterar a estética, mas a forma de se enxergar. “Aquele posicionamento de realmente valorização dela como pessoa, como mulher, não é só a questão da estética, não é só o cabelo”. (Cacheada, 2016).

Cacheada ainda nos traz que:

Existe uma outra forma de enxergar a beleza e a sua estética, que você não precisa se encaixar em padrões que a sociedade impõe. E aí pra mim isso foi muito importante nesse movimento, eu poder encontrar outras pessoas que tinham o pensamento semelhante ao meu e de poder dar esse empoderamento pro meu filho, pra que ele se sinta fortalecido, apoiado e representado por pessoas que também respeitam admiram, cultivam e que mostram que o mundo não é só.. Uma regra em que todos têm que ser igual e estar ali naquele modelinho de, de que a sociedade impõe. (Cacheada, 2016).

Tranças alerta sobre o fato de o preconceito não estar ligado apenas à diferença estética, mas o racismo presente nos discursos.

Eu comecei a entender mais, eu comecei a entender que o problema não é só o cabelo realmente, o problema é a aceitação das pessoas, é o preconceito das pessoas ao redor, é o preconceito das pessoas mesmo sem elas vê que tem. Como uma amiga minha de anos, olhou pra mim e disse, mas rapaz, tu vai deixar teu cabelo assim é? Grande, duro, pra cima. Ela não é racista, mas ela acha o cabelo duro. Então assim, não foi só ela, foi amiga muito mais íntima que diz a mim que também tem o cabelo crespo, mas que não gosta do cabelo dela daquele jeito. (...)minha mãe não gosta nem da trança nem do meu cabelo, mas o cabelo da minha mãe é “bom”, minha mãe é morena do cabelo “bom”. Quando passa do ombro é liso, mas o meu pai é negro, então eu nasci com o cabelo crespo e ela não gosta. (Tranças, 2016).

Mesmo passando por uma rejeição a partir de amigas e de sua mãe devido à estética do seu cabelo, Tranças reconhece que o processo de aceitação do cabelo

acarreta numa outra visão de si mesma, uma visão mais positiva, reconhecendo também a contribuição do Encrespa Geral nesse novo olhar.

Eu tirei um pouco da vergonha por que eu acho bonito turbante, mas eu não usava, tinha vergonha de usar sabe? Eu tinha vergonha assim, da minha pele, eu não usava uma roupa amarela, roupa vermelha por que eu achava que não combinava com a minha cor, mas eu vi que não é assim. Assim ele, ele (O Encrespa Geral) lhe dá um pouco mais de auto-confiança. (Traças, 2016).

Bandana vem reforçar esse posicionamento:

Quando você fala de cabelo, você não fala apenas de estética. Você fala de uma vida, você fala de uma cultura, você fala de uma tradição, você fala de uma voz de um povo, e quando você fala disso você fala de preconceito, você fala de agressão, então é basicamente isso. (Bandana, 2016).

Ainda sobre esta questão, Dread relata que:

Eu também sou bonita, que meu cabelo também é bonito, que não precisa tá liso pra ser bonito. (...) Aprendi a ter mais resistência contra os padrões e estereótipos que a sociedade impõe a gente, que a mídia, as pessoas muitas vezes mostram que quem tem cabelo liso de preferência pessoas brancas dos olhos claros, cabelo loiro são mais bonitos do que a gente que tem traços negros que tem o cabelo crespo/cacheado e não é bem assim, isso é toda uma construção social, cultural que precisa ser revista. (Dread, 2016).

Em suma, o que pôde ser visto é que não se trata apenas de uma transformação estética, mas de uma outra visão acerca de si, além de estar presente em todos os relatos a quebra de paradigmas existente, bem como a presença essencial do Movimento Social Encrespa Geral em todo esse percurso.

O Encrespa é um evento muito bom por que ele ensina a cultura do..da valorização do seu cabelo crespo como ele é, que você não deve se ditar pela ditadura dos cachos perfeitos, feitos pelos permanentes afros, pelos banha Zezé da vida.. O Encrespa ensina que você deve amar seu cabelo com a fibra que ele tem, com o tipo de cacho que ele tem e como ele é, independente se ele vai se acostumar ou não. (Pitó, 2016).

6.4 Tornei-me Preta ao lado da Preta MC

Conhecida como Preta MC, Jackeline Cinthia faz parte da organização do Encrespa Geral PE. Com 31 anos é casada e tem dois filhos e se considera amante e militante da causa étnico-racial.

Passou produtos químicos no cabelo pela primeira vez quando tinha oito anos e

permaneceu fazendo tais procedimentos até os vinte e cinco anos de idade

Passados anos de intervenção química e enumeras lesões no couro cabeludo além de quedas capilares, relata que quando algo acontecia, dava um tempo e depois voltava com os produtos.

Há 5 anos não coloca mais nenhum tipo de produto que modifique sua textura capilar natural e diz ter sido “liberta da imposição social onde cabelo bonito é cabelo alisado.” Hoje em dia diz compreender o seu crespo como uma coroa carregada com muita imponência e orgulho.

Com suas vivências procura ajudar pessoas que querem sair da " prisão química " através de palestras e eventos e afirma estar obtendo êxito.

Após leituras do material coletado, percebemos que todas as entrevistadas evidenciam o papel de Preta MC em seu processo pessoal de construção da identidade não apenas como coordenadora e participante do movimento Encrespa Geral mas também como exemplo vivo de empoderamento e identidade negra.

Eu trabalhei há um tempo atrás numa policlínica onde eu tive uma diretora chamada Preta, Jaqueline.. Jaqueline Cinthia acho que você conhece. E comecei a observar a mudança que pra mim assim foi sensacional de ver a forma de que a partir do momento de que ela entendeu a estética dela, da raça negra e começou a usar o cabelo, a identidade dela, o cabelo crespo, que ela não alisou mais, a mudança que ela começou a direcionar na vida dela e de que ela melhorou, não, não foi a questão da aparência, foi a auto-estima(...)"

(Cacheada, 2016)

“(...)comecei a acompanhar, observar e assim, pra mim foi, foi muito bom eu cheguei até a comentar em casa com meu marido e com meu filho mais velho de como ela tinha se transformado como pessoa, não era só a aparência, não era só a estética, era de como ela tinha buscado valores pra vida dela, de como ela tinha procurado crescer e de como ela cresceu e como ela foi em busca.”

(Cacheada, 2016)

(...) Preta eu conheci que ela foi lá em casa cortar o cabelo da minha filha que é bem cacheadinho. Conheci ela, maravilhosa. (Crespa, 2016)

Não só a história de Preta MC mas também o que ela representa para os participante do Encrespe Geral é sinônimo de resistência. A mudança de sua aparência foi percebida e a partir daí sua ideologia⁶ foi sendo compreendida e respeitada. O cabelo crespo encarado como símbolo de orgulho e afirmação da identidade étnico-racial.

6.5 A mulher negra no centro da história.

Nas entrevistas percebemos que o contato das mulheres com o Encrespa Geral foi importante também para um reconhecimento da sua própria história e da sua importância como mulher, negra, mãe, esposa, filha e participante ativa de uma sociedade que tenta minimizar sua relevância histórica, social, política e cultural.

O entendimento do que vem a ser estética negra e da sua importância - Neste caso, do cabelo crespo\cacheado - ajuda diretamente o indivíduo na construção de sua identidade enquanto sujeito social estabelecendo um sentido de pertencimento em um grupo social de referência.

Eu aprendi assim a auto-estima né? A gente se amar. Vê as meninas cada uma com seu cabelo diferente, uns blacks outros não, uns mais crespos outros menos, um maior e outro menor e o bonito é esse. Eu aprendi que as diferenças é que é o bonito. Aí tem levantado a auto-estima de muita gente, assim, uma ensina a outra como lidar, como se adaptar. Aí eu acho interessante.
(Turbante, 2016)

(...) você começa a procurar coisa na internet, você começa a ler sobre aquilo, você começa a vê aquilo mas assim, é muito difícil, no início é muito difícil, você tem que ter muita consciência do que você quer, por que é muito difícil.”
(Traças, 2016)

(...) existe uma outra forma de enxergar a beleza e a sua estética, que você não precisa se encaixar em padrões que a sociedade impõe. E aí pra mim isso foi muito importante nesse movimento, eu poder encontrar outras pessoas que tinham o pensamento semelhante ao meu e de poder dar esse empoderamento pro meu filho, pra que ele se sinta fortalecido, apoiado e representado por pessoas que também respeitam admiram, cultivam e que mostram que o mundo não é só .. Uma regra em que todos têm que ser igual e estar ali naquele modelinho de, de que a sociedade impõe.
(Cacheada, 2016)

⁶ Compreende-se ideologia como um conjunto de ideias ou pensamentos de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos. A ideologia pode estar ligada a ações políticas, econômicas e sociais.

O termo foi usado de forma marcante pelo filósofo Antoine Destutt de Tracy.

“(…) por ter o cabelo cacheado ou crespo, é o nosso DNA, é o nosso natural e como a gente quer respeito também tem que respeitar o próximo né? Pra mim é isso.”
(Crespa, 2016)

“(…) quando você fala de cabelo, você não fala apenas de estética. Você fala de uma vida, você fala de uma cultura, você fala de uma tradição, você fala de uma voz de um povo, e quando você fala disso você fala de preconceito, você fala de agressão, então é basicamente isso.”
(Bandana, 2016)

As falas de Turbante, Tranças, Cacheada, Crespa e Bandana conseguem expressar o quanto a mulher negra vem sofrendo com o processo de exclusão da sua raça e também quanto é dolorido o processo de readaptação – Leia-se se colocar nos padrões de corpo e cabelo, estético como um todo – para assim poder ser finalmente aceita.

O uso do cabelo crespo/cacheado é uma representação estampada no corpo de orgulho antes escondido, minimizado, mas não esquecido.

As mulheres envolvidas nesse processo passam a se conhecer, reconhecer, se respeitar e amar o que vê no espelho, isto é o que exemplifica a identidade construída por meio das diferenças e através delas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desse trabalho foi compreender e analisar o processo educativo do movimento social Encrespa Geral bem como sua influência na construção da identidade dos participantes.

Os objetivos específicos foram alcançados uma vez que conseguimos caracterizar as ações educativas do Encrespa Geral e entender um pouco do processo de construção da identidade dos participantes.

Foi muito importante para o caráter autobiográfico desta pesquisa ouvir as histórias de superação, aceitação e empoderamento das participantes. Colocando as mulheres em questão no centro da história.

As mulheres que participam dos encontros geralmente se sentem mais encorajadas e convictas para tomar e permanecer na decisão de usar o cabelo natural. Passam por cima da opinião dos amigos próximos e familiares para manter com firmeza

a decisão de usar o cabelo crespo/cacheado muitas vezes contraproducente.

É possível perceber que a auto-estima de muitas provém do que é visto, ouvido, lido nos encontros e que todas dispõem de uma consciência identitária interessante, pois começam a se perceber como mulheres negras e belas em sua singularidade.

O trabalho empreendido pelo Encrespa Geral como movimento social também pode – e deve – ser questionado, contudo após as evidências contidas nesta pesquisa fica crível que não estamos falando de um movimento social de uma ideologia rasa e/ou superficial por trabalhar diretamente com questões relacionadas à estética.

Tanto na teoria quanto na prática ficou evidente que o cabelo é uma ferramenta eficiente na construção da identidade e na percepção do “ser negro” nesta sociedade. Tudo isto corroborando com as ações educativas que são feitas nos encontros e também através de contatos on-line. Em alguns relatos percebeu-se que muitas começaram a ter consciência da necessidade da leitura e de construir um posicionamento crítico com relação à educação das relações étnico – raciais.

Para compreender o peso do cabelo no processo de construção da identidade das participantes foi preciso deixar que elas falassem de si, contassem sua história, suas experiências, expectativas e decepções, o que foi fundamental e essencial para a mudança ou mesmo se houve mudança, externa e internamente.

Não há como negar que após ouvir os relatos foi possível perceber o quanto o ambiente do Encrespa Geral, seu caráter pedagógico e as relações construídas nos encontros foram e ainda são essenciais para auxiliar todas as envolvidas nesta caminhada.

O contato com pessoas que estão vivenciando situações parecidas revela valores culturais que são adquiridos por meio da socialização sobre ser quem é e ser o que quiser ser.

Os depoimentos mostram a complexidade que envolve o processo de pertencimento étnico racial e os desafios de construir uma auto-imagem positiva quando se é negro e tem essa marca impressa para além da cor da pele em uma sociedade que tenta excluir, minimizar e escravizar diariamente com palavras, olhares e atitudes.

O Encrespa Geral, portanto, demonstra através do olhar das entrevistadas, ter e manter uma prática educativa, cujo currículo aponta para uma seleção de conhecimentos a serem ensinados de forma a garantir aprendizagens ligadas ao *cuidado do corpo e cabelo negro*, lições acerca da *história e da cultura dos africanos e afrodescendentes*, práticas individuais e coletivas de combate ao racismo, aos preconceitos e às

discriminações de várias ordens, e a construção e o fortalecimento de um pertencimento identitário ao grupo negro da população brasileira, o que se configura numa Pedagogia do Empoderamento Negro desenvolvida e difundida no movimento social Encrespa Geral.

7. REFERENCIAS

ALMEIDA, D. M. de M. **Entre ações coletivas e subjetividade:** o caráter educativo dos movimentos sociais. EccoS, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 141-156, jan./jun. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 3.ed. Edições 70. Lisboa: 2004.

D'ADESKY, Jacques. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** Pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001

DELARI JR., A. **Consciência e linguagem em Vigotski:** aproximações ao debate sobre subjetividade. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas, 2000

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal.** Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula/link/lquim/A a H/estrutura pol gest educacional/aula_01/imagens/01/Educacao Formal Nao Formal 2005.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula/link/lquim/A%20a%20H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf)>. Acesso em: 25 de Out. de 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso.** São Paulo: Atlas, 2009.

GLEASON, Philip. Identifying identity: a semantic history. **The journal of american history.** p. 910-931, 1980, (mimeogr.)

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social.** Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre raciais do Brasil:** Uma breve discussão. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 21 de Out. de 2015.

_____. Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

JOSSO, MARIE-CHRISTINE. **História de vida e projeto:** a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. Educação e Pesquisa. v.25 n.2 São Paulo jul./dez. 1999.

KLEBA, Maria Elisabeth. **Empoderamento:** processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n4/16.pdf>>. Acesso em: 29 de Nov. de 2015.

MONTE, Patricia Melo do. **A dimensão subjetiva da aprendizagem:** contribuições da teoria histórico-cultural. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_02_2010.pdf>. Acesso em: 29 de Nov. de 2015.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje:** histórias, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

RICHARDSON, R.J.: **Pesquisa Social:** Métodos e Técnicas. SP: Atlas, 1999;

SILVA, Auxiliadora Maria Martins da. **Sociogênese do conceito de etnia negra na educação brasileira.** Recife: O autor, 2011.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.